

## O Vazio Existencial: de Lacan à Contemporaneidade

### The Existential Emptiness: from Lacan to Contemporaneity

Márcia Maria Luz da Silva<sup>1</sup>  
Venus Maria Nogueira  
Dr.Vanderlei Bruschi de Fraga<sup>2</sup>

**Resumo:** Através de uma pesquisa bibliográfica encontramos no individualismo, no consumismo e na falta de limites os elementos que influenciam o sujeito a preencher seu vazio existencial. O presente estudo visa comparar o individualismo da contemporaneidade com o ‘eu’ narcísico em Lacan; demonstrar que o consumismo da atualidade tem relação com a ‘falta’ (castração) abordada na teoria de Lacan; verificar se a falta de limites da atualidade tem relação com a função nome-do-pai (cuidador) de Lacan. Foi aplicado a três professores psicanalistas um questionário com cinco perguntas subjetivas. A pesquisa teve, como objetivo geral, demonstrar que o vazio existencial tornou-se um desafio para o homem psíquico, porque na ânsia de não senti-lo, busca no consumismo, no individualismo e na falta de limites sua cura.

**Abstract:** Through a bibliographic research, we found in the individualism, in the consumerism and in the lack of limits, the pretexts that are influencing the person to fill out the existentialist emptiness. Its aim is to make a comparison between the contemporary individualism and the narcissistic “I” in Lacan. To demonstrate that the present consumerism is related to the “lack” (castration) approached in Lacan’s theory. A questionnaire with five subjective items was elaborated and applied to three Psychoanalyst Professors. The research had as its general aim, to demonstrate that the existential emptiness is turning out to be a challenge to the psychic man, for in the anguish not to feel it, makes him search in the consumerism, in the individualism and in the lack of limits, the cure for it.

**Palavras-chave:** Lacan. Vazio. Individualismo. Consumismo. Limites.

**Keywords:** Lacan. Emptiness. Individualism. Consumerism. Limits.

---

<sup>1</sup> Márcia Maria Luz Da Silva; Venus Maria Nogueira: acadêmicas do curso de Psicologia, do Centro Universitário Feevale. Endereço para correspondência: [marcialuz35@hotmail.com](mailto:marcialuz35@hotmail.com)

<sup>2</sup> Vanderlei Bruschi de Fraga: Orientador. Doutor em Filosofia e Ciências da Educação pela Universidade de Santiago de Compostela/Espanha. Professor de graduação nos cursos de Psicologia e Pedagogia do Centro Universitário Feevale (Novo Hamburgo/RS). Coordenado do curso de especialização em Educação Social da Facensa (Gravataí/RS).

Na ansiedade de encontrar algo (um fenômeno) que esteja, hoje, fazendo o homem entrar em sofrimento psíquico, isto é, algo que esteja afligindo o homem na contemporaneidade e para cuja compreensão fosse importante a investigação através de uma pesquisa, garimpamos, em livros e em conversas com os professores, um tópico pertinente. Assim, o tema para a pesquisa revelou-se: o vazio existencial.

A presente pesquisa tomou por base a teoria psicanalítica de Lacan e foi contextualizada pela revisão bibliográfica, da qual se extraíram alguns fragmentos dos motivos que levam o homem a preencher seu vazio existencial.

O estudo tem como objetivo demonstrar que o vazio existencial tornou-se, na contemporaneidade, um desafio para o homem. Na ânsia de não senti-lo, o ser humano busca no consumismo, no individualismo e na falta de limites os ensejos para seu tamponamento. Os objetivos específicos visam comparar o individualismo da contemporaneidade com o 'eu narcísico' em Lacan; demonstrar que o consumismo da atualidade tem relação com a 'falta' (castração) abordada na teoria de Lacan; verificar se a falta de limites da atualidade tem aparência com a função nome-do-pai (cuidador) de Lacan.

O universo para escolha dos entrevistados foi formado pelos psicanalistas de Novo Hamburgo. A amostra ficou constituída por três psicanalistas, tendo como critério de seleção serem os sujeitos professores psicanalistas que ministram aulas na disciplina de Psicologia, independente de sexo e idade.

O estudo bibliográfico abordou o vazio existencial - de Lacan à contemporaneidade -, tendo como variáveis o individualismo, o consumismo e a falta de limites, tripé que o indivíduo usa para tamponar o vazio existencial.

## **Contemporaneidade**

Contemporaneidade significa tempo atual. O tempo em que vivemos é caracterizado pela cultura do excesso, do sempre mais e mais, na qual tudo torna-se intenso e muito urgente. Vivemos o tempo do hipermercado, do hiperconsumo, do hipertexto, do hipercorpo, dos telefones celulares, dos computadores pessoais, dos aparelhos de vídeo domésticos, das tele-entregas, da Internet, na qual há milhões de *sites* e bilhões de páginas. Novas ansiedades se

fazem presentes na contemporaneidade e, por diferentes motivações, tomam conta do homem atual como a AIDS, os produtos transgênicos, as epidemias, a poluição, o aquecimento do planeta e a globalização (LIPOVESKY, 2005).

Vivemos, portanto, um tempo de muitas mudanças. Vivemos o ritmo acelerado de um tempo transitório e líquido (BAUMAN, 2004).

Vivenciamos uma corrida frenética contra o tempo e contra a competitividade, o que provoca grande instabilidade. A continuar assim, caminharemos para uma identidade sem valores éticos como já se começa a constatar nas instâncias de poder, no trabalho, no exército, na família, na escola e nos partidos políticos. O presente está carregado de medos e de tensões que tiram o sentimento de liberdade. Tudo isso vai sendo autorizado e nada precisa ser justificado, pois os homens não visam somente ao produto, ao palpável, mas sim à destruição do outro, então corrompem, assaltam, roubam, matam, seqüestram, abusam, violentam e praticam o terrorismo. Não existe, no mundo, princípio racional que justifique todas essas agressões individuais e mundiais, tudo se torna muito irracional (MARTINS, 2007).

Há também os vícios por drogas ilícitas que destroem a possibilidade de o homem chegar à satisfação e instalam o vazio e o tédio (STEPHANOU, 2007).

## **Vazio**

Conforme a concepção psicológica, ao lado do vazio externo, que se manifesta geralmente por sentimentos de vertigem, a angústia do vazio aparece sob duas formas: pesadelo de uma queda sem fim no vazio e angústia do esvaziamento da substância interna pelos buracos do invólucro psíquico (DORON, 2006).

Seguindo essa configuração, somos levados a pensar que o homem encontra-se em grande desespero, pois suas perturbações psíquicas são caracterizadas por um mal-estar difuso e invasor, por um sentimento de vazio interior que se expressa na frase: “se pelo menos eu pudesse sentir alguma coisa!”, sendo assim, por conseqüência, o homem sentirá o vazio das emoções (LIPOVETSY, 1989).

O sujeito contemporâneo carrega consigo uma queixa constante, anunciada na fala, em sua linguagem. Uma queixa que o coloca em um lugar, segundo ele mesmo, de sujeito ‘da angústia’. Podemos, pois, perguntar: essa angústia que hoje é percebida, não seria a dificuldade de o sujeito lidar justamente com a ‘falta’? Pensar o vazio existencial leva, sem

dúvida, a relacioná-lo com a emergente questão da angústia na contemporaneidade.

O conceito de 'angústia', para Lacan, tem a ver com a questão da falta, ou melhor, com 'a falta da falta'. Em seu Seminário sobre a Angústia, ele apóia-se no conceito de *unheimlich* (entranho familiar), para mostrar que a angústia surge quando o sujeito é confrontado com 'a falta da falta'. Conforme Lacan, a falta é constituinte para o sujeito, é o que o faz desejar. Logo, a angústia surge quando algo de um tamponamento dessa falta emerge e deixa o sujeito no vazio (como se a falta pudesse vir a faltar). A angústia tem a ver como o surgimento do real (no sentido lacaniano) que jogaria o sujeito em um estado de paralisia.

Essa paralisia implica diretamente o problema de representação, de afetos e do corpo - as doenças da alma -. Aí se encontra a primeira instância do vazio existencial: nas angústias, nas vivências de desencontro, no sentimento mórbido de solidão, no desamparo, nas adições e na desesperança melancólica (LUCION, 2007).

Diante dessas vivências, os indivíduos não estão conseguindo estabelecer laços de reciprocidade e solidariedade, laços que viriam a sustentar os vazios de sentido de nossa existência (OUTEIRAL, 2003).

Esses pensamentos permitem-nos pensar que o suicida não quer morrer, ele quer apenas dar um sentido ao vazio de sua vida, com a morte (CASSORLA, 2007).

Então, o que é a morte senão o nada? Será mais uma vez o homem buscando tornar-se sem ser, desejando o nada para ser satisfeito. Não se é nem se deixa de ser, portanto não existe vida e, se existir, continuará a ser vazia, pois a maior perda da vida é o que morre dentro de nós, enquanto vivemos, e não a perda da própria vida (COUSINS, 2007).

Corroborando esse viés, salientamos que existe a possibilidade de o sujeito reconhecer, em seu mundo interno, o vazio existencial, mas, além do vazio existencial, existe uma constituição, uma subjetividade, uma estrutura do psiquismo de suas vivências que ele construiu dentro de sua vida e que é o suporte para que se mantenha vivo.

## **Individualismo**

Lacan, em 1936, descreveu o estágio de espelho. Ele afirma que, a partir dos 6 meses, a criança começa a conquistar a imagem da totalidade de seu corpo, até então totalmente fragmentada.

Se as imagens do espelho tivessem que ser comparadas às palavras essas seriam iguais aos pronomes pessoais: como o pronome eu, que se eu mesmo pronuncio quer dizer “mim”, e se outra pessoa o pronuncia quer dizer aquele outro (ECO, 2000, p. 21).

O estágio do espelho, em Lacan, tem três fases fundamentais. Na primeira, há percepção de imagem no espelho como se fosse um outro real. Na segunda, a criança percebe que o outro não é um ser real. Na terceira, a criança já sabe que o refletido é uma imagem global e quase unificada dela própria. Disso procede o narcisismo primário, isto é, o investimento pulsional, desejante, amoroso, que o sujeito realiza sobre si mesmo ou, mais exatamente, sobre essa imagem de si, com a qual ele se identifica. Esse eu ou essa imagem, que é o eu, é ‘exterior’ ao sujeito e não pode, pois, ter a pretensão de representá-lo completamente para si mesmo.

Os homens são diferentes uns dos outros, apesar de aparentemente terem algumas semelhanças. Cada um carrega consigo o código genético, uma das várias características que constitui nossa existência, e o corpo do indivíduo é que vai fazer a interação com o mundo. A construção de nossa individualidade se faz presente a partir do contato com nossos pais e irmãos. Paralelamente à sociabilização, o homem começa a fazer suas escolhas e a construir sua individuação (CARVALHO, 1998).

Nessa perspectiva, o homem precisa buscar seu verdadeiro eu e tem o dever de não traí-lo, pois o eu exige exclusividade em relação à existência do outro. Ser um indivíduo significa ser único e diferente de todos os outros, podemos dizer eu sou quem eu sou, isto é, um ser inigualável e singular (LIPOVETSKI, 1989).

O homem está, portanto, centrado somente no seu eu e o que está sendo glorificado é o pensamento único, isto é, eu me penso, eu me faço e eu sei. Essa é uma maneira de não ser desafiado nem contestado. O homem pensa que, sendo individualista, terá o direito e o dever da livre escolha, mas muitas vezes isso escapa de suas mãos (BAUMAN, 1999).

Esse eu narcísico já não está estático e paralisado diante de sua imagem ou talvez nem exista mais imagem, pois ele vai à busca interminável de si mesmo. O eu fica com dúvidas quando quem está diante dele deixa de ser um totalmente outro e torna-se semelhante, pois é o fim do mim para comigo e então o eu vacila e precisa ir em busca da verdade de seu desejo (LIPOVETSKY, 1989).

## Consumismo

Essa Coisa, da qual todas as formas criadas pelo homem são do registro da sublimação, será sempre representada por um vazio, precisamente pelo fato de ela não poder ser representada por outra coisa — ou, mais exatamente, de ela não poder ser representada senão por outra coisa. (LACAN, 1959-60/1991, p.162)

O desejo é definido por Lacan (1995) como o desejo do outro, pois o homem deseja, porque a satisfação de suas necessidades vitais passa pelo apelo dirigido a outro, o que de imediato altera a satisfação. O desejo é formado de maneira simbólica e real, materializando em um objeto o que falta ao sujeito em relação à alienação de suas necessidades na demanda. As pessoas reconhecem diversas formas de satisfação em falar e ouvir as outras, em trocar objetos e experiências. Quando há escolha, há também criação por parte de quem escolhe, há desejo não no sentido simples, do mercado, mas no sentido subjetivo. Lacan chama de mercado do gozo, gozo disponibilizado através da infinidade de mercadorias, isto é, o gozo em primeiro lugar.

A criança só acede ao desejo propriamente dito ao isolar a causa de sua satisfação, que é o objeto, causa do desejo: o mamilo. Ora, ela não o isola, a não ser que dele seja frustrada, isto é, se a mãe der lugar à falta, na satisfação da demanda. Então, o desejo advém, além da demanda, como falta de um objeto. É pela renúncia desse objeto que o filho vai se constituir como sujeito desejante (CHEMAMA, 2007)

Vivemos em uma sociedade de consumo, baseada em satisfazer os desejos dos homens e que só será duradoura enquanto o desejo continuar irrealizado.

Para que o consumismo continue, toda promessa deve ser trocada por outra promessa, para que a busca continue em dois sentidos: dos produtos e do preenchimento do vazio existencial.

O problema do consumo não é o fato em si, mas sim o excesso, o consumo do descartável e desnecessário que nos é oferecido através dos cartões de crédito, dos cheques pré-datados, dos crediários, das compras sem dinheiro, dos parcelamentos, dos créditos pré-aprovados e das facilidades (THURMAN, 2007).

Existe um excesso esbanjador e um esbanjamento excessivo que tornaram a sociedade uma síndrome de consumismo em que prevalece a novidade, o fútil e a não permanência.

Comprar, consumir e gastar - aos poucos, o indivíduo vai entrando numa espiral em que ao consumir, é consumido; ao gastar, se gasta e se desgasta. O desejo permanece para sempre insatisfeito. A relação do sujeito com o objeto é transitória e escorrega facilmente, por isso ele está sempre em busca de novos objetos que lhe proporcionem plena satisfação e fica deslocando o desejo de um objeto para outro (BAUMAN, 2007).

Quando o indivíduo não consegue terminar com a falta, a sua vida torna-se sem sentido, ele isola-se, ele angustia-se e mergulha no tédio e no vazio (LIPOVSKY, 2005).

### **Falta de Limites**

Em Lacan a função nome-do-pai leva a lei para a criança, a palavra e a cultura colocam a criança em uma ordem geracional e definem seu lugar. Essa lei rompe a ilusão de cada ser humano de se acreditar possuidor de uma onipotência imaginária. A destruição de limites é uma das muitas tópicos da contemporaneidade e vem acarretando grande caos para vida do homem.

A paternidade é uma função exercida ou um lugar ocupado por alguém, não necessariamente o pai biológico. A influência da ausência paterna no desenvolvimento do filho é um tema rico e complexo, por esse motivo é indispensável examinar o impacto dessa ausência no desenvolvimento psicológico, intelectual e comportamental de uma criança ou adolescente (CECCARELLI, 2002).

Os relacionamentos atuais apresentam enorme pobreza de recursos internos. Nessa perspectiva, o sintoma familiar corresponde a uma regressão, em que o primitivo aparece e as vivências são amparadas em conteúdos narcísicos não elaborados. Os indivíduos tornam-se presas fáceis de tudo que aparece, pois precisam preencher suas necessidades imediatas. Nesse contexto, eles são mais abandonados do que livres (DUFOR, 2001).

A falta de limites é tão avassaladora que nós hoje avançamos com o nosso próprio corpo. Nós não aceitamos nossa imagem, produzimos outra imagem e esta produção não tem limites, então o sujeito produz uma imagem muito além daquela que ele possui.

Podemos então perguntar: onde está o limite? Ele está tênue ou o sujeito tem a capacidade de transpor o limite e a habilidade de negar a sua subjetividade e, em consequência, também negar a evidência desse vazio, porque quer fazer de si outro sujeito.

A falta de limites (castração) também tem como efeito um sujeito que não conhece

suas bordas e busca somente a satisfação imediata de seus desejos. Para tamponar seu vazio existencial, investe somente no ter e não no ser.

Segundo, Charles Melman (2007, p. 21), “[...] nossa relação com a figura paterna é conflituosa, ela nunca foi resolvida e pode, facilmente, nos deixar louco.” E é assim que nós somos.

## **Conclusão**

Pesquisar o vazio existencial foi um grande desafio, pois esse assunto é muito subjetivo, permeia todos os campos da vida do indivíduo, o qual busca, através do consumismo, do individualismo e da falta de limites, fugir e evitar senti-lo.

O vazio existencial leva os indivíduos a trilhar caminhos tortuosos. Quando a fuga surge como a melhor alternativa para lidar com a angústia do viver, o indivíduo interrompe o contato com os outros, pois a sociedade o favorece e ele cai no individualismo. Com o contato com o outro constantemente interrompido, criam-se estruturas rígidas que acarretam ao indivíduo um verdadeiro sofrimento psíquico e o vazio se faz presente nos excessos.

Devido ao incômodo provocado pelo vazio, o indivíduo procura preenchê-lo de qualquer forma. Ele faz então uso abusivo de substâncias entorpecentes, na tentativa de fugir, esquecer, negar suas questões mais difíceis, seu mais profundo vazio existencial.

Esse comportamento destrutivo percebido na violência, no vício em drogas, nos excessos e na falta de limites, em que tudo é permitido, reflete-se em nossa cultura e leva os indivíduos a se tornarem seres isolados, desligados e desesperados.

Essa falta, esse vazio acarretam a busca incansável por objetos que, teoricamente, poderiam preenchê-lo ou satisfazê-lo de alguma forma. A publicidade nos ensina a querer coisas e nos orienta com relação ao que devemos comprar. Assim passamos a investir em nossas vidas à imagem do consumismo, pensando que deste modo seremos felizes.

Cabe-nos entender o que há em comum e o que há de diverso nesse sentir tão único e complexo, que leva o ser a um crescente questionamento quando se depara com o vazio.

Precisamos nos questionar sobre essa angústia que, muitas vezes, torna-se insuportável para o indivíduo. Ele sofre e se nega a beber dessa fonte de desprazer. Ele foge e para isso se utiliza de inúmeros artifícios como o consumismo, o individualismo e o prazer imediato. Esses lhe servem de mecanismos de defesa para que o contato com a questão



angustiante do vazio seja o menor possível ou, de repente, nem exista.

Os indivíduos estão evoluindo no sentido de lidar de forma distorcida com a realidade. Podemos, pois, nos perguntar quais os sinais e quais as conseqüências desse vazio que expõe e coloca o indivíduo a evoluir rumo à angústia do existir.

A tendência de tentar preencher o vazio existencial com coisas, objetos, ações de perigo levam à busca frenética e inútil para superar a sensação de vazio presente no homem.

Concluimos, portanto, que o sujeito da contemporaneidade é estruturado com a falta, é um sujeito desejanse que se utiliza de preenchimentos ilusórios. O vazio existencial torna-se angustiante e transborda do aparelho psíquico. Ele poderá ser acolhido pela psicanálise e assim se tornar um vasto campo de análises e de pesquisas.

Segundo Cassorla (2007), na contemporaneidade, o homem precisa com suas idéias, sentimentos e conceitos repensar e transformar o mundo. Ele precisa dar sentido ao mundo e a si mesmo, através de sonhos, teorias, artes, ciências, filosofias, mitos, religiões e verdades que lhe permitirão preencher o vazio.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

CARVALHO, José Maurício de. **O homem e a filosofia. Pequenas meditações sobre existência e cultura**. Porto Alegre: Edipucrs, 1998.

CASSORLA, Roosevelt M. S. A Leste do Éden: Loucura, Feitiço e Suicídio. In: Congresso Brasileiro de Psicanálise, 21., 2007. Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Associação Brasileira de Psicanálise. 2007.

CECCARELLI, P. R. Configurações edípicas da contemporaneidade: reflexões sobre as novas formas de filiação. **Pulsional Revista de Psicanálise**, São Paulo, ano XV, n. 161, p.88-98, set. 2002.

CHEMAMA, Roland; VANDERMERSCH, Bernard. **Dicionário de Psicanálise**. São Leopoldo: Unisinos, 2007.

COUSINS, Norman. **Momento de reflexão**. Disponível em:  
<[www.reflexao.com.br/pensamento.php?idautor=214 - 15k](http://www.reflexao.com.br/pensamento.php?idautor=214-15k)> Acesso em: 02 jun., 2007.

DORON, Roland; PAROT, Françoise. **Dicionário de Psicologia**. São Paulo: Ática, 2006.

DUFOUR, D. (2001) **As angústias do indivíduo-sujeito**. Le Monde Diplomatique, fev. de 2001. 9p. Disponível em:  
< <http://www.diplo.com.br/aberto/0102/21.htm> > Acesso em 06 de junho, 2007.

ECO, Humberto. **Arte e beleza na estética medieval** (tradução portuguesa de 1989). Coleção: universidade hoje. 2 edição. Editorial Presença, 2000.

LACAN, Jacques. (1959-1960/1991). **O Seminário livro 7: A ética da psicanálise**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; versão brasileira de Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. (1956). **O Seminário livro 4: A relação de objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed./ Campo Freudiano no Brasil, 1995.

\_\_\_\_\_. (1936). **Para além do "princípio da realidade"**. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**. Ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Lisboa: Relógio d'água, 1989.

LIPOVETSKY, Gilles. **Tempos Hipermodernos**. Tradução: Mário Vilela. Apresentação: Jorge Forbes. São Paulo: Barcarola, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. **O luxo Eterno: da idade do sagrado ao tempo das marcas**. Tradução Maria Lúcia Machado. 1 ed., 2 reimpressão. São Paulo, SP: Rocco, 2005.

LUCION, Neusa Knijnik. **O analista e as "Novas Doenças da Alma"**. In: XXI Congresso Brasileiro de Psicanálise. Prática Psicanalítica: Especificidades, confrontações e Desafios, 2007, Porto Alegre-RS.

MARTINS, Milton dos Santos. **Zero Hora**, 25 de maio de 2007, pág. 21.

MELMAN, Charles. Fronteira do Pensamento. **Zero Hora**, Porto Alegre, 12 maio 2007.

OUTEIRAL, José. **Adolescer - Estudos Revisados sobre Adolescência**. 2 Ed. Rio de Janeiro. Livraria e editora Revinter Ltda, 2003.

STEPHANOU, Demetriou. **s.t.** Capturado de: < <http://demetrioustephanou.zip.net/> > Acesso em 11 de junho, 2007 às 22h50min.

THURMAN, Robert. **Revolução interior**. Editora Fissus Ltda. Capturado de: <<http://www.caravansarai.com.br/TexConsumismo.htm>> Acesso em 03.06.2007 às 19 horas.